

Sociedade, Poder e Cultura no Tempo de Ovídio

**Maria Cristina de Sousa Pimentel
e Nuno Simões Rodrigues (Coords.)**



SVOS VTERO QVAE NECAT (AM. 2. 14. 38):
ABORTO, SEXUALIDADE E MEDICINA NO TEMPO DE OvíDIO

CRISTINA SANTOS PINHEIRO
Universidade da Madeira

Os poemas 13 e 14 do segundo livro dos *Amores* de Ovídio, sobre o aborto de Corina, têm suscitado interpretações díspares¹. Lidos como um panfleto contra a prática do aborto e pela defesa da vida humana, são todavia mais numerosas as vozes que se levantam contra a falta de bom gosto que neles se verifica, por apresentarem um tema pouco próprio para a poesia². Houve até quem os considerasse a causa, ou pelo menos uma das causas, do exílio de Ovídio, já que Corina, amante de Augusto, teria abortado de um filho deste com a cumplicidade do poeta³. A crítica mais recente, porém, enfatizando primordialmente as circunstâncias culturais e sociais do tempo, opta por uma interpretação mais comedida na atribuição de considerações morais e de leituras políticas aos textos e tenta reconstituir a experiência de Corina que se esconde por detrás da voz masculina do sujeito poético⁴.

Os poemas permitem, de facto, muitas leituras. O tom moralista de alguns dos seus versos, a par da súplica, primeiro a Ísis (2. 13. 7-18⁵), depois a Ílitia

¹ Utilizamos para o texto latino dos *Amores* a edição de KENNEY (1995¹) 59-61, que fazemos acompanhar da tradução de ANDRÉ (2006) 85-87. Todas as outras traduções, salvo indicação em contrário, são da nossa autoria.

² MACK (1988) 63, por exemplo, afirma sobre os poemas: «The first asks to be taken straight; it is a prayer for Corinna's safety, and it sounds sincere, full of topical references to the deities worshipped by Augustan women. The second is a facetious and amusing 'prolife' statement of the evils of her act.» Apreciações negativas em WILLIAMS (1968) 510, WATTS (1973) 100, BARSBY (1978) 18 e WHITAKER (1983) 152.

³ VERDIÈRE (1992) 149-160 apoia-se em Sidónio Apolinar (23. 158-161), que afirma que Ovídio foi exilado devido a uma *Caesarea puella*, que o autor entende não como referência a uma mulher da casa imperial, mas a uma amante de Augusto: *et te carmina per libidinosa / notum Naso tener. Tomosque missum: / quondam Caesareae nimis puellae / ficto nomine subditum Corinnae.* («e tu pelos teus carmes libidinosos / conhecido, doce Nasão. Foste enviado para Tomos: / outrora sujeitaste-te demasiado a uma rapariga de César / com o pseudónimo de Corina.»).

⁴ CAHOON (1988), GAMEL (1989).

⁵ *Isi, Paraetonium genaliaque arua Canopi / quae colis et Memphin palmiferamque Pharon, / quaque celer Nilus lato delapsus in alueo / per septem portus in maris exit aquas, / per tua sinistra precor, per Anubidis ora uerendi – / sic tua sacra pius semper Osiris amet, / pigraque labatur circa donaria serpens, / et comes in pompa corniger Apis eat! / huc adhibe uultus, et in una parce duobus! / nam uitam dominae tu dabis, illa mibi. / saepe tibi sedit certis operata diebus, / qua cingit laurus Gallica turma tuas.* («Ó Ísis, tu que habitas Paretónio e os campos fecundos de Canopo / e Mênfis e Faros, o país das palmeiras, / e as terras por onde a corrente do Nilo, ao descer na vastidão do seu leito, / se lança, através de sete portas, nas águas do mar: / pelo teu sinistro eu suplico, pelo rosto assustador de Anúbis / (assim o piedoso Osíris tenha sempre em apreço os teus rituais, / e a serpente, preguiçosa, deslize em volta das oferendas, / e siga em tua companhia, no cortejo solene, Ápis, com seus chifres), / volta para aqui o teu olhar e, na pessoa de um, tem compaixão de dois; / é que tu darás a vida à minha amada, ela dar-ma-á a mim.»)